

Comércio interno de escravos no Brasil, 1790-1850 e comparações com os Estados Unidos

Mariana H. Meschiatti

Orientador: Robert W. A. Slenes

IFCH – UNICAMP

O comércio interno de escravos na primeira metade do século XIX movimentou número significativo de pessoas. Embora dependente do tráfico atlântico, era feito a partir de um esquema peculiar e envolvia diversos agentes. Este tema é bastante discutido na historiografia norte-americana e o método comparativo oferece grandes vantagens para o estudo no Brasil.



Os africanos chegavam ao porto do Rio de Janeiro e eram transferidos para outras Províncias tanto pelo comércio de cabotagem (RS) quanto por meio do tráfico terrestre (MG e SP). Os agentes eram comerciantes de médio e pequeno porte ligados aos grandes comerciantes do Rio de Janeiro. Suas transações eram com frequência obscuras.

As estratégias de vendas consistiam em viajar para montar comboios, ser contratado por um senhor, maquiagem e esconder as imperfeições. Os comerciantes não eram muito bem vistos, mas sabiam o que os senhores desejavam e como controlar os cativos.



Alguns ricos senhores participavam desta atividade. Mas eles evitavam ser vistos como tais comerciantes. O mesmo ocorria nos EUA. Os comerciantes levavam os escravos do “Upper South” para o “Lower South”. Os registros de meia-sisa e “slave deeds” nos EUA podem mostrar comerciantes através dos nomes dos principais vendedores de escravos. Esses indivíduos operavam de acordo com os fluxos de chegada de africanos e obedeciam a sazonalidade das atividades econômicas.

A historiografia internacional começa a debater o comércio interno de escravos sob perspectiva comparada, com estudos sobre Cuba, EUA, Brasil, Bacia da Prata.

